

# **A Luta Ideológica na fase terminal do Imperialismo Monopolista e seu Fascismo**

**Elevar a consciência e a disposição ideológica, superar a defensiva, a alienação e a fuga frente à opressão fascista e passar à ofensiva para a Libertação Nacional e o Socialismo**

**O futuro da luta de classes, no século XXI, será decidido nesta batalha pela consciência humana.**

**Por Miguel Manso**

***“A falência do revisionismo, em verdade,  
marca o fim da maré baixa, desobstruiu o caminho dos povos  
para a revolução e abrirá um novo período de ascenso,  
provavelmente definitivo, e muito mais próximo do que pensam as vãs filosofias”  
(Claudio Campos - A História Continua)***

Este artigo (em 4 partes) analisa o caráter fascista da fase monopolista do imperialismo do grande capital financeiro e a relação dialética entre a pressão exercida pelo imperialismo em sua fase monopolista e fascista e os mecanismos ideológicos de resposta das classes oprimidas. Partindo de conceitos como ideologia, disposição ideológica, defensiva e ofensiva ideológica, alienação da realidade e fuga das contradições da luta, o estudo investiga como o fascismo e o terror de Estado e a violência sistêmica atuam sobre a moral do povo e de sua vanguarda consciente. Argumenta-se que a manutenção do projeto socialista e de libertação nacional depende intrinsecamente de uma luta constante, que fortaleça a disposição ideológica para a resistência e supere as tentações da alienação e da fuga, realize a práxis organizada da luta e retome a ofensiva ideológica para conquistar a consciência humana coletiva e a vitória.

# **O estágio monopolista do imperialismo, em sua fase decadente e terminal, e a crise do revisionismo (Parte 1)**

Conforme descrito por Lênin (1917), o estágio terminal do capitalismo imperialista e monopolista caracteriza-se pela fusão do capital bancário com o industrial, pela exportação de capitais e pela partilha do mundo entre trustes capitalistas e potências hegemônicas e a geração permanente de crises, guerras, a ameaça de uma hegemonia fascista para a repartição do mundo em zonas de influência e controle geopolítico.

Neste contexto, a tendência à crise estrutural do capitalismo agudiza-se, gerando uma pressão constante para a super exploração, a opressão violenta de estados e governos fascistas.

*Como resposta a suas contradições internas e à ameaça representada pela organização das classes trabalhadoras, o imperialismo recorre aos métodos fascistas e a um Terror de Estado sistemático, utilizando a violência como método de intimidação e controle social (POULANTZAS, 1974).*

Na busca incansável e insaciável pelo lucro máximo e concentração da propriedade privada dos grandes meios de produção e reservas minerais e naturais estratégicas, sem lograr superar o caos e a anarquia do desenvolvimento desigual, e apesar da verticalização crescente dos meios de produção, o imperialismo é incapaz de superar a falta de planejamento centralizado de toda a economia. s

Sempre que avança a centralização dos cartéis e dos monopólios privados, em suas disputas interimperialistas e monopolistas travam, desorganizam e destroem o desenvolvimento das forças produtivas.

Travam as forças produtivas, mas são incapazes de impedir plenamente o seu desenvolvimento, e ao tentar sufocar o mercado e as empresas mais progressistas em tecnologia e inovação, com práticas monopolistas, de dumping ou controle de preços artificialmente elevados sobre o mercado, de arrocho sem limites sobre os trabalhadores, de imposição de suas práticas intermináveis de guerras de rapina por controle de reservas minerais, de supressão pela força dos seus concorrentes, acirram a contradição das forças produtivas com as relações de propriedade privada e monopolista dos meios de produção, e acirram as contradições com os povos em luta por sua emancipação, na sua tentativa de submissão das economias e das nações.

A prática de arrochar salários e retirar direitos, para buscar superar a concorrência entre os próprios monopólios e contornar a lei da redução crescente da taxa de lucro, conduz inevitavelmente a que, no plano político, tratem de golpear a democracia e o regime de direitos sociais, para impor pelo fascismo um retrocesso ao regime de “escravidão” e miséria para as amplas massas de trabalhadores no mundo e de neo colonialismo sobre as nações.

O fascismo, não é pois um fenômeno marginal do sistema de dominação imperialista, é assim decorrência central da incapacidade do capitalismo, em sua fase imperialista decadente e parasitária, de conviver com a livre concorrência nos mercados, com a democracia e com a soberania dos povos e Nações, é parido nas suas entranhas, na contradição interimperialista, na crise terminal do capitalismo monopolista, acelerando sua superação histórica e a inevitável busca de liberdade e emancipação das Nações da violenta opressão a que são submetidos.

O Fascismo não é provocado pelo surgimento do socialismo ou da luta pela liberdade dos povos e Nações, pelo contrário, é fruto da sua incapacidade de conviver com o livre mercado, a concorrência, o desenvolvimento permanente das forças produtivas e do seu desenvolvimento desigual e anárquico.

A Democracia, a Liberdade, a Soberania e o Socialismo são o caminho para a sua superação, para a libertação da Humanidade do regime Fascista dos monopólios imperialistas decadentes, são o caminho para o desenvolvimento pacífico das forças produtivas e da civilização, para o bem estar de todos e a sustentabilidade do Planeta.

Como tem demonstrado o acelerado desenvolvimento da China, o capitalismo de concorrência pode ser utilizado para cumprir um papel social, desde que sob hegemonia de um estado soberano, democrático e popular, que organize o modo e as relações de produção e o seu desenvolvimento de forma planejada e centralizada por um projeto nacional e evoluir para uma sociedade socialista, que coloque freio na ação anti social dos monopólios privados.

## **A PREPARAÇÃO PARA AS GUERRAS INTER IMPERIALISTAS**

A premissa de que "o fascismo pretende resolver as contradições inter-imperialistas" é crucial para entender suas consequências sociais. Vamos desdobrar o que isso significa para as diferentes classes.

A ideia, desenvolvida por Lenin, Dimitrov e Stalin, é que em períodos de crise profunda do capitalismo (econômica, social e política), quando a burguesia não consegue mais governar com os métodos tradicionais da democracia liberal e quando a classe trabalhadora ainda não conseguiu tomar o poder, setores do grande capital (os monopólios, o capital financeiro) passam a apoiar e financiar um movimento fascista. Esse movimento promete:

1. Esmagar de forma brutal a organização autônoma da classe trabalhadora (sindicatos, partidos operários) e seus aliados.
2. Suprimir as contradições internas (luta entre as frações de classes da Burguesia) em nome da "unidade nacional para buscar domínio de outras Nações e povos para sua espoliação".
3. Mobilizar a sociedade de forma extremamente reacionária para um projeto de expansão imperialista externa, que promete resolver as crises de superprodução e falta de mercados através da conquista e do saque de outros povos.

### **Consequências para as Classes Sociais sob o Terror Fascista:**

#### **1. Para a Classe Trabalhadora (Proletariado):**

- **Terror Aberto e Desorganização:** É a classe que paga o preço mais imediato e brutal. Seus partidos, sindicatos, cooperativas e imprensa são ilegalizados e destruídos. Seus líderes são assassinados, presos ou exilados. O direito de greve é abolido. A "livre" negociação salarial é substituída por decretos e leis que beneficiam o grande capital financeiro.
- **Superexploração:** Em nome de "Deus", da "pátria" e do "chefe", os salários são congelados ou reduzidos, a jornada de trabalho é aumentada e as condições laborais pioram drasticamente. O "corporativismo" fascista coloca patrões e empregados sob o controle estatal, mas sempre em benefício do grande capital financeiro.
- **Ideologia de Submissão:** A ideologia fascista (nacionalismo extremo, culto ao líder, desprezo pela "luta de classes") visa substituir a consciência de classe por uma

lealdade cega ao regime e à sua ditadura, dividindo e desarmando politicamente os trabalhadores.

2. Para a Pequena Burguesia (Pequenos Comerciantes, Artesãos, Profissionais Liberais):

- Ambivalência e Desilusão: Frequentemente, setores da pequena burguesia são a base social inicial do movimento fascista, atraídos pelo discurso antissistema, anticapitalista falso (contra os "grandes monopólios judeus" ou "cosmopolitas"), anticomunista e de restauração de uma "ordem tradicional" idealizada e sacralizada.
- Subjugação Final: Uma vez no poder, o fascismo não resolve seus problemas. Os grandes monopólios que o financiam se fortalecem ainda mais, engolindo os pequenos negócios e a burguesia não monopolista. A retórica "anticapitalista" desaparece, e a pequena burguesia fica subordinada ao estado totalitário e ao grande capital financeiro. Muitos de seus membros são cooptados para a burocracia do partido ou milícias paramilitares, mas sem poder real.
- Precarização: Assim como os trabalhadores, enfrentam o controle ditatorial, a concorrência desleal dos monopólios protegidos pelo regime e a espoliação econômica para financiar o rearmamento e a guerra arruína a todos.

3. Para a Burguesia Não-Monopolista (Média Burguesia Industrial e Agrária):

- Aliança Contraditória e Subordinação: Apoiam o fascismo como um mal menor contra o "perigo comunista" e a agitação operária. No curto prazo, beneficiam-se da repressão aos sindicatos e da estabilidade forçada.
- Perda de Autonomia e ruína: No médio e longo prazo, são subordinados aos interesses dos grandes monopólios e do estado fascista, que direciona a economia para a guerra. Perdem independência econômica e política, sendo forçados a se integrar ao projeto corporativista e militarista. Muitos são absorvidos ou arruinados pelos grandes conglomerados.

4. Para a Burguesia Monopolista (Grande Capital, Oligopólios, Finanças):

- Beneficiária Imediata e Condutora Oculta: É a classe que, em última instância, patrocina a ascensão fascista para preservar e expandir seu poder e propriedade. Colhe os frutos imediatos:
  - Destruição do movimento operário.
  - Supressão dos salários.
  - Controle absoluto sobre a força de trabalho.
  - Enormes contratos estatais para rearmamento e obras de infraestrutura.
  - Expansão imperialista que abre novos mercados, fontes de matéria-prima e campos de investimento.
- Risco e Controle: No entanto, cede parte de seu poder político direto ao partido e ao estado fascista. O regime desenvolve uma autonomia relativa e pode, em certos momentos, chantagear ou mesmo expropriar setores da burguesia que não se alinham totalmente. O objetivo final do fascismo (guerra de conquista) é um risco calculado que pode levar à destruição total, incluindo a do próprio capital que o apoia.

5. Para os Camponeses e Pobres Rurais:

- Retórica e Exploração: A ideologia fascista frequentemente idealiza o campesinato como a "essência da nação". Na prática, os camponeses são superexplorados através de preços controlados, impostos altos e arrocho salarial. São vistos como fonte de alimento para as cidades e de soldados para o exército.

6. Para a Intelectualidade e Profissionais Técnicos:

- Cooptação ou Perseguição: Sofrem uma severa censura e controle ideológico. Aqueles que se alinham ao regime podem ser cooptados para a propaganda, para a

ciência aplicada à guerra ou para a burocracia estatal. Os dissidentes ou considerados "degenerados" (artistas modernos, cientistas de teorias "não-ariana", etc.) são perseguidos, silenciados ou forçados ao exílio.

O "terror dos grandes monopólios" sob a forma fascista significa a tentativa da suspensão brutal da luta de classes "de baixo para cima" e sua substituição por uma guerra "de cima para baixo" contra a classe trabalhadora e todos os setores opositores. É a solução reacionária e desesperada para a crise terminal do capitalismo:

- Internamente: Elimina qualquer espaço democrático, congela os conflitos sociais através da violência e mobiliza a sociedade para objetivos imperialistas.
- Externamente: Projeta as contradições insolúveis do sistema para fora, através do militarismo, do colonialismo e da guerra, que se tornam a principal força motriz da economia e da política.

O resultado, como a história mostrou, é a catástrofe humana em escala massiva: a guerra mundial, o genocídio, a destruição econômica e o esmagamento de qualquer liberdade. O fascismo não resolve as contradições do imperialismo; ele as leva ao paroxismo destrutivo, no qual todas as classes, exceto uma pequena elite no ápice do poder, acabam sendo vítimas em maior ou menor grau, mesmo aquelas que inicialmente o apoiaram.

Georgi Dimitrov, em seu famoso discurso no VII Congresso da Internacional Comunista (Comintern) em 1935 e em sua obra subsequente, apresentou a análise clássica do fascismo que se tornou a linha oficial do movimento comunista internacional no final dos anos 1930. Sua análise pode ser resumida nos seguintes pontos fundamentais:

### **1. Definição do Fascismo**

*Dimitrov deu a definição mais canônica:*

*"O fascismo é a ditadura terrorista aberta dos elementos mais reacionários, mais chauvinistas e mais imperialistas do capital financeiro."*

*Isso significa que:*

- *Não é simplesmente uma ditadura burguesa qualquer, mas sua forma mais aberta, terrorista e reacionária.*
- *Não é um poder "acima das classes" ou um "terceiro caminho". É intrinsecamente ligado ao capitalismo monopolista (capital financeiro).*
- *Seu caráter de classe é fundamental: ele serve aos interesses dos setores mais agressivos do grande capital.*

### **2. Condições para sua Ascensão**

*Dimitrov enumerou as condições que permitem a tomada do poder pelos fascistas:*

- *Crise profunda do capitalismo, com estagnação econômica e empobrecimento das massas.*
- *Crise da democracia burguesa e instabilidade política, onde os métodos parlamentares tradicionais não conseguem mais conter as contradições das lutas sociais e as agrava.*
- *Crise nas massas trabalhadoras, que estão insatisfeitas e se radicalizam, mas onde o partido revolucionário (comunista) ainda não é forte o suficiente para tomar o poder e liderá-las para a libertação e ao socialismo.*
- *Descontentamento da pequena burguesia (e até de setores do proletariado atrasado), que o fascismo consegue mobilizar com sua demagogia social.*

### **3. A Demagogia Social Fascista**

*Um ponto crucial da análise de Dimitrov era que o fascismo chega ao poder não apenas pela violência, mas também pela demagogia:*

- *Apresenta-se como "revolucionário" e "antissistema", criticando os grandes capitalistas e banqueiros (usando, muitas vezes, um véu antissemita ou fanatismo religioso).*
- *Faz promessas vagas de justiça social, defesa dos pequenos produtores e unidade nacional contra inimigos internos (comunistas, "traidores") e externos.*
- *No entanto, uma vez no poder, descarta essa máscara e revela sua essência: uma ditadura a serviço dos monopólios, esmagando tanto os trabalhadores quanto os pequenos burgueses que o apoiaram e expropriam os setores da burguesia não monopolistas, acelerando a concentração de riquezas e as tensões sociais.*

#### **4. O Fascismo como Terror Antiproletário**

*Dimitrov enfatizava que o alvo principal e imediato do fascismo é o movimento operário organizado:*

- *Destrói todas as organizações da classe trabalhadora (partidos, sindicatos, cooperativas).*
- *Elimina fisicamente ou desmoraliza ou prende seus líderes e militantes.*
- *Suprime todas as liberdades democráticas e direitos conquistados.*
- *Cria um aparato estatal terrorista (polícia política, milícias, campos de prisioneiros) para garantir esse esmagamento.*

#### **5. Estratégia de Combate: A Frente Única**

*A principal contribuição prática de Dimitrov foi derivar da sua análise uma estratégia concreta para derrotar o fascismo: a Frente Única.*

- *Erro Fatal: Considerar a social-democracia como "irmão gêmeo" ou "social-fascismo" (tese anterior da Comintern que ele ajudou a superar). Isso dividia a classe trabalhadora.*
- *Necessidade Imperativa: Unir todos os trabalhadores, comunistas e social-democratas, em uma frente única de luta contra o fascismo.*
- *Ampliação: Estender essa aliança para setores da pequena burguesia, camponeses e intelectuais democráticos ameaçados pelo regime fascista — a Frente Popular. O objetivo imediato não era a revolução socialista, mas defender as liberdades democráticas e derrotar a ofensiva fascista.*

#### **6. Relação entre Fascismo e Guerra**

*Dimitrov via o fascismo como força motriz da guerra imperialista:*

- *A política econômica fascista (autarquia, rearmamento) levava inevitavelmente ao conflito externo.*
- *A guerra imperialista era uma ferramenta para:*
  - *Redistribuir o mundo entre as potências.*
  - *Esmagar ainda mais o movimento revolucionário internacional.*
  - *Super-explorar colônias e nações conquistadas.*

### Resumo da Análise de Dimitrov:

Aspecto	Conteúdo
Natureza de Classe	Ditadura terrorista do capital financeiro mais reacionário.
Base Social	Massas da pequena burguesia desesperadas, lumpemproletariado, setores atrasados do proletariado, mobilizadas pela demagogia.
Alvo Principal	Organização e consciência de classe do proletariado e de seus aliados.
Método	Terror aberto + demagogia social massiva.
Condição para Ascensão	Crise do capitalismo + fraqueza relativa do proletariado revolucionário e do Partido Comunista.
Estratégia de Combate	Frente Única dos trabalhadores e Frente Popular ampla com setores democráticos da burguesia.

A oposição trotskista e divisionista argumenta que a tática de Frente Única da Frente Popular poderia subordinar os trabalhadores a setores da burguesia "liberal", desarmando a luta revolucionária. Ignora o verdadeiro inimigo da classe. A tática proposta por Dimitrov permanece como um dos pilares mais importantes e influentes para a compreensão marxista do fenômeno fascista, destacando seu caráter de classe, a hegemonia do grande capital financeiro, sua demagogia "anti sistema" e a necessidade vital da unidade das forças democráticas e anti fascistas para combatê-lo.

Claudio Campos escreve em 1992 os textos compilados no livro - A História Continua, no momento do colapso formal da URSS e da hegemonia do revisionismo khrushchevista e gorbachevista.

Afirma com clarividência científica, que hoje podemos mensurar e validar:

- O revisionismo (pós-1956) representou uma “maré baixa” (período de refluxo) na revolução proletária.
- Sua falência não é a derrota do Socialismo, mas sim a limpeza de um desvio histórico.
- Livre do “lastro revisionista”, os povos poderão retomar o caminho revolucionário do Socialismo.

A afirmação sintetiza vários eixos defendidos ao longo da obra:

**a) O revisionismo como traição (capítulos 1–3)**

- Caracteriza o revisionismo (Khrushchev, Gorbachev) como uma capitulação ideológica ao imperialismo.
- Consequência: burocratização, estagnação e perda de rumo revolucionário.

**b) A “maré baixa” histórica (capítulos 4–6)**

- Período 1954–1999: descenso revolucionário da luta anti imperialista. A subida de Putin marca uma virada da Rússia nos recuos diante do imperialismo yankee e inicia-se um processo de enfrentamento. No início dos anos 90, após a crise da praça celestial, o PC da China consolida o poder e aprofunda o desenvolvimento do socialismo com estilo chinês e desenvolve a aliança com a Rússia e a criação dos Brics, redesenha a geopolítica mundial. A crise do capitalismo se agrava, que explode no subprime de 2008/09, abrindo novas perspectivas para o Sul Global e um mundo multipolar, em que se aceleram as forças produtivas nos países em desenvolvimento e acirram-se as contradições inter imperialistas, que lançam mão do fascismo como forma central para resolução de sua crise.
- Causas do recuo revisionista:
  - Pressão imperialista (guerra fria, chantagem nuclear).
  - Esvaziamento da luta ideológica no PCUS.
  - Substituição da planificação socialista pela idolatria ao mercado.
- Esse período não invalida o socialismo, apenas mostra os efeitos do desvio.

**c) A falência do revisionismo como oportunidade (capítulos 12–17)**

- O colapso da URSS expõe a bancarrota do revisionismo, não do marxismo.
- Desobstrui o caminho: elimina a liderança corrupta e abre espaço para novas vanguardas revolucionárias.
- Ascenso “provavelmente definitivo”: a experiência histórica (acertos de Lenin/Stalin, erros do revisionismo) agora armou os revolucionários com conhecimento superior.

**A Fundamentação Teórico-Política**

**a) Visão dialética da história**

- Claudio Campos aplica o materialismo histórico: a história avança por “espirais” (avanços/recuos), não linearmente.
- O revisionismo foi um recuo para expor suas próprias contradições.
- Sua queda (do revisionismo) cria as condições subjetivas para um salto qualitativo.

**b) Crítica às “vãs filosofias”**



- Refere-se às ideologias burguesas (pós-modernismo, liberalismo, social-democracia) que proclamaram o “fim da história”.
- Também inclui correntes pequeno-burguesas dentro da esquerda (trotskismo, eurocomunismo, “socialismo democrático”) que rejeitam a luta de classes radical.
- Para Claudio Campos, essas correntes são incapazes de compreender a dinâmica revolucionária.

#### **c) A Concepção de “caminho desobstruído”**

O revisionismo funcionava como um “tampão burocrático” (expressão usada no capítulo 6) que impediu o amadurecimento revolucionário.

- Com seu fim, renasce a possibilidade de:
  - Reconstruir e revigorar os partidos marxista-leninistas.
  - Retomar a planificação socialista e a ditadura democrática do proletariado.
  - Reativar a luta anti-imperialista global e libertar as Nações.
  - Avançar a construção do Socialismo

#### **A Projeção Futura (“ascenso provavelmente definitivo”)**

Claudio Campos não estava profetizando, mas fazendo uma projeção política baseada em:

1. Podridão do capitalismo imperialista (crise estrutural, guerras, miséria).
2. Experiência acumulada (100 anos de revoluções, erros e acertos).
3. Amadurecimento das condições objetivas (forças produtivas globalizadas, consciência anti-imperialista).
4. Esgotamento das alternativas reformistas (social-democracia, nacionalismo burguês).
5. Desenvolvimento das condições subjetivas para a formação da vanguarda e das classes revolucionárias na luta anti imperialista.

**É uma conclusão programática: o século XXI será o século da retomada revolucionária, desde que os comunistas retornem aos fundamentos clássicos e os apliquem de forma criativa e revolucionária, superando a defensiva ideológica.**

O revisionismo foi um desvio histórico, cuja falência não é o fim do Socialismo, mas o fim de um período de refluxo (“maré baixa”). Agora, com o caminho “desobstruído”, inicia-se um novo ciclo revolucionário, mais consciente e preparado, que levará à vitória definitiva do Socialismo — contrariando as “filosofias vãs” que celebravam o fim da história.

*“Com as bases materiais objetivas do anti-imperialismo se aprofundando hoje, a questão principal se torna a base material subjetiva, ou seja, o sujeito revolucionário. Sem isso, a luta anti-imperialista fracassará. No entanto, o sujeito revolucionário está começando a ressurgir de maneiras novas e poderosas em resposta à crise planetária sem precedentes de nossos tempos. O que está claro é que a base necessária da luta anti-imperialista/anticapitalista global deve ser encontrada no desenvolvimento histórico de um novo e mais amplo internacionalismo operário para o século XXI (Matthew Read, “O ‘Sul Global’”:*

*Análises do Mundo Socialista”, Internationale Forschungsstelle DDR, 26 de junho de 2024, [ifddr.org](https://ifddr.org) - publicado na Montly Review e republicado na <https://horadopovo.com.br/a-decadencia-do-imperio-e-a-ascensao-da-china-por-mon-thly-review/> - em 04/10/2025).*

## **O PAPEL DO REVIGORAMENTO DA DISPOSIÇÃO IDEOLÓGICA (Parte 2)**

Não se pode subestimar a pressão multifacetada – ideológica, econômica, política e militar – do imperialismo monopolista e seu fascismo que impactam a superestrutura ideológica para a busca da ofensiva ideológica e política na luta anti imperialista e seu facismo.

Especificamente, a dinâmica entre ideologia, disposição ideológica revolucionária, que se não for enfrentada pode levar à defensiva ideológica, à fuga da realidade e a alienação.

O exemplo mais desastroso dessa realidade é a própria defensiva do período do revisionismo que dominou o PCUS, que travestido de falsa ofensiva, levou ao maior retrocesso da experiência socialista.

O período do revisionismo no Partido Comunista da União Soviética (PCUS) representou uma "falsa ofensiva" que culminou no desmantelamento da URSS é chave para compreender a importância da luta ideológica e do permanente desenvolvimento da disposição ideológica, sem a qual não se pode alcançar a ofensiva necessária.

Abaixo, a fundamentação dessa análise dividida em três eixos principais:

1. A "Falsa Ofensiva": O XX Congresso do PCUS (1956) foi o marco inicial , onde Nikita Khrushchev apresentou o "Relatório Secreto".

A Retórica: Khrushchev apresentava-se como um renovador que levaria a URSS ao comunismo em 20 anos, superando os "erros" de Stalin.

A Realidade Defensiva: Sob a máscara dessa "ofensiva" adotou-se a política de Coexistência Pacífica, subestimando o caráter belicista do imperialismo e desarmando ideologicamente o partido. Na prática, isso significou um recuo estratégico diante do imperialismo estadunidense, abandonando a tese dos confrontos inevitáveis intrínsecos ao próprio imperialismo e desarmando ideologicamente movimentos revolucionários ao redor do mundo para evitar sua luta de emancipação para evitar conflitos diretos.

O "Estado de Todo o Povo" - sob a tese da solidez do socialismo e do papel de vanguarda do partido, o revisionismo alterou a natureza de classe do Estado soviético, o que fragilizou suas bases, minando a confiança do povo no partido. O PCUS passou a definir a URSS como um "Estado de Todo o Povo". Teoricamente, isso parecia um avanço (democratização), mas na prática permitiu a ascensão de uma nova camada burocrática (Nomenklatura) que tinha interesses distintos dos trabalhadores.

Reformas Liberais (Liberman/Kosygin) Introduziram conceitos como "rentabilidade" e "autonomia das empresas" baseadas no lucro. Embora vendidas como uma forma de modernizar a economia (ofensiva tecnológica), essas reformas criaram as bases para a "economia paralela" e a desarticulação do planejamento centralizado, gerando a estagnação da economia e enfraquecendo os laços de união e luta do povo como força motriz da revolução.

A falsa ofensiva que o socialismo estava consolidado e para atingir o comunismo era preciso deixar de "temer o imperialismo decadente e derrotado na segunda guerra mundial pelo exército vermelho" levou, na prática, à defensiva Geopolítica e à capitulação final.

A postura defensiva travestida de "ofensiva ideológica" culminou na era Gorbachev (1985-1991) - Glasnost e Perestroika, que foram apresentadas como o "ápice da ofensiva socialista" para democratizar o sistema. No entanto, sem a direção firme do partido, sem a luta ideológica e preparação do partido e do povo e sob a pressão do capital estrangeiro, tornaram-se presa fácil dos mecanismos de rendição.

O Retrocesso foi o resultado, não foi o "socialismo melhorado", mas a restauração capitalista plena, a fragmentação da União em 15 repúblicas, a queda drástica da expectativa de vida e a destruição dos direitos sociais conquistados em 70 anos.

O "desastre" reside na contradição entre o discurso e a prática, ao abrir mão dos fundamentos da economia planejada e do papel da luta ideológica, o partido entrou em uma defensiva estratégica. Sem o norte da revolução, o sistema soviético não conseguiu competir nos termos do mercado global e implodiu, no maior retrocesso geopolítico e social do século XX.

Para analisarmos estes impactos vamos antes relacionar os conceitos marxistas destes valores ideológicos.:

**Ideologia:** O sistema de ideias, valores e representações através do qual os indivíduos vivem sua relação com suas condições reais de existência (ALTHUSSER, 1971).

Para Marx, Engels e Lênin no entanto, a ideologia é um conjunto de ideias, valores e teorias (filosóficas, jurídicas, políticas) que expressam, racionalizam e perpetuam os interesses de uma classe social dominante, apresentando-os como verdades universais, naturais e eternas. A ideologia dominante é uma "consciência falsa" que inverte a relação real entre as bases materiais da sociedade e a produção intelectual, mascarando as contradições e a exploração, e constitui um terreno crucial da luta de classes.

Marx e Engels estabelecem a ideologia dominante como um produto da estrutura material (econômica) da sociedade, que serve para ocultar as contradições dessa mesma estrutura. A Ideologia como Inversão da Realidade: "As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força intelectual dominante." (Marx & Engels, *A Ideologia Alemã*, 1845-46).

A Crítica à "Consciência Falsa": "Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência." (Ibid.). A ideologia dominante surge quando se perde de vista essa origem material, e as ideias são tomadas como independentes e autônomas. É o que Engels mais tarde chamou de "consciência falsa": "A ideologia é um processo que o chamado "pensador" realiza, sem dúvida, com consciência, mas com uma consciência falsa. As forças motrizes verdadeiras que o impulsionam permanecem ignoradas por ele." (Engels, Carta a Franz Mehring, 1893). Aqui, vemos o "viver a relação" de Althusser como uma vivência *necessariamente distorcida* da realidade.

Para Lênin: A Ideologia como Terreno de Luta e a "Consciência de Classe"

Lênin avança ao politizar radicalmente o conceito, transformando-o de uma crítica teórica em um instrumento prático de luta. Para ele, não há neutralidade: toda concepção de mundo serve a uma classe. A Luta de Ideologias: "A questão é somente esta: ideologia burguesa ou

ideologia socialista. Não há meio-termo (pois a humanidade não criou uma 'terceira' ideologia)." (Lênin, *Que Fazer?*, 1902).

Isso radicaliza Althusser: o "sistema de ideias" é sempre um campo de batalha entre projetos de classe antagônicos. A Consciência de Classe como Arma: Lênin argumenta que a classe trabalhadora, por si só, desenvolve apenas uma "consciência trade-unionista" (reivindicações econômicas imediatas). A ideologia socialista (ou "consciência de classe") é uma compreensão científica e totalizante da sociedade, que deve ser introduzida "de fora" pela vanguarda revolucionária. Isso acrescenta a dimensão da práxis transformadora ao conceito. A ideologia dominante deve ser combatida por uma contra-ideologia organizada e militante.

**Disposição Ideológica:** A predisposição subjetiva e prática de um indivíduo ou grupo para agir de acordo com os princípios de uma ideologia, **transcende a mera concordância intelectual com um conjunto de ideias**, constituindo-se como a internalização orgânica e a predisposição subjetiva e prática que impulsionam um indivíduo ou grupo a agir de forma consistente e perseverante com os princípios de uma ideologia, mesmo sob intensa coerção ou adversidade. Esta disposição, forjada na práxis – a união dialética entre teoria e prática – e constantemente renovada pela formação política, pela experiência coletiva da luta e pela memória histórica de resistência, funciona como o combustível moral e volitivo que sustenta a ação transformadora. **Ela é a materialização da consciência de classe no plano da conduta, transformando a convicção abstrata em compromisso inabalável, que se manifesta na coragem para o confronto, na paciência para o trabalho de base e na resiliência para enfrentar a repressão e a desmoralização, sendo, portanto, o alicerce subjetivo sem o qual qualquer projeto revolucionário esmorece diante das primeiras pressões do inimigo de classe.**

O conceito de "disposição ideológica" captura com precisão uma dimensão central da teoria leninista da organização revolucionária.

Trata-se, efetivamente, da consciência de classe transformada em caráter militante.

- 1) a crítica ao espontaneísmo e a necessidade da consciência "de fora";
- 2) a forja do caráter militante na disciplina de ferro do partido;
- 3) a perseverança como virtude política estratégica.

**A "disposição ideológica" não emerge espontaneamente da classe; ela é construída, forjada e temperada pela organização revolucionária. É a ponte entre a teoria científica (marxismo) e a ação histórica concreta.**

## **Lênin: A Consciência como Elemento Externo e a Disciplina de Aço**

Lênin estabelece que a verdadeira disposição revolucionária nasce da fusão do movimento operário com a teoria socialista, que deve ser introduzida de fora, e se consolida na disciplina consciente do partido de novo tipo.

- **Contra o Espontaneísmo e a Mera "Concordância Intelectual":**  
"A história de todos os países atesta que, por suas próprias forças, a classe operária só pode chegar à consciência trade-unionista, isto é, à convicção da necessidade de se unir em sindicatos, de lutar contra os patrões, de exigir do governo estas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc. *"A doutrina do socialismo, porém, surgiu das teorias filosóficas, históricas e econômicas elaboradas pelos intelectuais cultos*

*das classes proprietárias. Os próprios fundadores do socialismo científico moderno, Marx e Engels, pertenciam, pela sua posição social, aos intelectuais burgueses." (LÊNIN, V.I. - Que Fazer - 1902).*

Esta citação desloca a origem da "disposição ideológica". Ela não é um mero fruto da experiência direta (que gera apenas um reformismo limitado), mas sim o produto da assimilação de uma teoria científica superior, trazida ao proletariado pelo partido revolucionário. A predisposição prática nasce dessa elevação consciente.

Está afirmando algo mais profundo:

A teoria socialista (marxista) é um produto da alta cultura e da ciência de seu tempo, que era monopolizada pelas classes proprietárias. Ela surge de uma crítica radical imanente às próprias teorias filosóficas (Hegel, Feuerbach), históricas (historiografia francesa e inglesa) e econômicas (Smith, Ricardo) da burguesia.

Marx e Engels realizam uma "virada copernicana": Partem desse patrimônio intelectual burguês, mas o revolucionam a partir de um novo ponto de vista de classe – o do proletariado como sujeito histórico universal. Eles não são "burgueses" no sentido político, mas sim intelectuais que rompem com sua classe de origem para forjar o instrumento teórico da classe revolucionária.

A teoria revolucionária não é um folclore proletário nem um "senso comum" da fábrica. É uma conquista científica que exige estudo, assimilação crítica e sistematização.

## **A Consequência Organizativa: O Partido como Portador e Transmissor**

Este é o corolário prático da premissa teórica:

Se o socialismo científico foi elaborado por intelectuais (como Marx) e não brota espontaneamente da luta econômica (que gera apenas o trade-unionismo), então, a consciência socialista deve ser "introduzida" no movimento operário a partir de fora.

O "fora" não é geográfico ou socialmente alienado, sem identidade de classe. É fora da espontaneidade da classe, do espontaneísmo ou da luta pela sobrevivência. O partido de vanguarda é o sujeito coletivo que encarna essa função: ele agrupa os elementos mais avançados (operários e intelectuais revolucionários) que assimilaram a teoria marxista e a aplicam à luta concreta.

**Sua tarefa é ser o "tribuno do povo" e o "dirigente político", conectando cada luta parcial a uma análise totalizante do capitalismo e a um projeto de poder. Sem esta injeção de consciência "de fora", o movimento permanece prisioneiro da ideologia burguesa, que é a forma dominante e espontânea na sociedade.**

## **A Relação Dialética com as Massas: Não é Doutrinarismo, é Elevação Política**

Esta tese de Lênin é frequentemente mal-interpretada como elitismo. Na verdade, ela funda uma pedagogia política dialética:

Não se trata de desprezar a experiência das massas, mas de sistematizá-la e elevá-la. O partido aprende com a luta das massas, mas devolve essa experiência em forma superior – organizada, teorizada, estratégica.

A "linha de massas revolucionária" é exatamente este processo: partir das necessidades e anseios reais (econômicos, democráticos) das massas, e a partir deles formular reivindicações transitórias que, no curso da luta, exponham a impotência do regime burguês e a necessidade do poder operário.

**A citação, portanto, justifica a necessidade de um núcleo dirigente teórica e organicamente preparado – o partido – sem o qual a revolução degenera em um movimento puramente reivindicativo e incorporável pelo sistema.**

A citação de Lênin não é uma curiosidade histórica sobre a origem social de Marx. É a fundamentação teórica da necessidade do partido revolucionário. Ela estabelece que:

1. A teoria é uma arma forjada a partir da ciência mais avançada.
2. Essa arma não é um dom espontâneo da classe; ela deve ser conscientemente transmitida e ensinada.
3. O veículo dessa transmissão é o partido, que, ao fazê-lo, transforma o "instinto de classe" em "consciência de classe" e a disposição combativa em **"disposição ideológica" revolucionária.**

Portanto, a diferença entre uma linha trade-unionista e uma linha revolucionária reside, em última instância, na presença ou ausência deste elemento consciente e exterior à espontaneidade – elemento cuja possibilidade histórica e necessidade política Lênin demonstra com esta precisa observação sobre as origens intelectuais do socialismo científico.

#### **A Forja na Disciplina do Partido e na "Práxis" Revolucionária:**

"O que é, em geral, um partido político? É a vanguarda de uma classe. É uma organização que deve agrupar em seu seio a melhor gente dessa classe, que deve ser ligada por todos os fios imagináveis a todas as organizações de sua classe. É uma organização que deve ser dirigida de modo centralizado." (Lênin, *As Tarefas da Juventude*, 1920). E sobre a disposição necessária: "É preciso sonhar!" (do mesmo artigo), mas sonhar com base no estudo rigoroso e na ação.

**Mais contundente ainda é a definição da disciplina que forja essa disposição:**

***"A disciplina consciente dos proletários, que não se limitam a uma submissão pura e simples, mas que se afirmam na luta comum... Esta disciplina não cai do céu, nem nasce das boas intenções; ela nasce progressivamente, do longo trabalho e da longa experiência da organização do proletariado revolucionário."*** (Lênin, *As Tarefas Imediatas do Poder Soviético*, 1918).

### **Stalin: A Têmpera na Luta e a Perseverança como Princípio Estratégico**

Stalin, atuando como teórico-organizador e posteriormente como líder em condições de extrema adversidade (cerco capitalista, guerra contra o nazi fascismo), teorizou de forma explícita sobre as qualidades subjetivas do militante e do partido.

### **O Militante como "Engrenagem" Consciente e a Coragem na Adversidade:**

"Os comunistas são feitos de um material especial. Nós somos aqueles que formamos o exército da grande causa proletária, o exército do camarada Lênin. Não há nada mais elevado do que a honra de pertencer a este exército." (Stalin, *Discurso na Noite de 9 de Janeiro de 1924*).

Esta metáfora do "material especial" alude diretamente à internalização orgânica da ideologia, que transforma a identidade individual. E sobre a coragem perseverante:

"Um bolchevique deve possuir, antes de tudo e acima de tudo, coragem, determinação e a capacidade de não se intimidar diante das dificuldades, de enfrentar os perigos com firmeza." (Stalin, *Sobre os Fundamentos do Leninismo*, 1924).

### **A Perseverança como Princípio Estratégico e o Combate à Desmoralização:**

"Uma das qualidades do leninismo é a enorme perseverança na consecução do objetivo traçado, a capacidade de acumular forças pacientemente para esse fim, um trabalho sistemático, metódico, para atingir o objetivo." (Stalin, *Entrevista com a Primeira Delegação de Trabalhadores Americanos*, 1927).

Este trecho fundamenta diretamente a "paciência para o trabalho de base" e a "resiliência". Para Stalin, essa perseverança não era passiva, mas ativa, uma perseverança que exige "firmeza, firmeza e mais firmeza" como lema (conforme enfatizado em diversos discursos).

### **A Forja Coletiva e a Memória Histórica:**

"O Partido fortalece-se purificando-se dos elementos vacilantes e oportunistas. A fonte da força do Partido e sua invencibilidade residem na sua unidade, na sua coesão de ferro e na sua disciplina férrea." (Stalin, *Sobre os Fundamentos do Leninismo*). A "experiência coletiva da luta" passa necessariamente por essa purificação, que reforça a disposição dos que permanecem. A memória histórica é ativamente cultivada: "Os mortos nos acusam!", gritou Stalin ao evocar a herança revolucionária, exigindo que os vivos fossem à altura do sacrifício dos que caíram.

### **Com base nessa fundamentação, podemos expandir o conceito:**

A Disposição Ideológica é, portanto, a qualidade partidária por excelência. Ela é o resultado do processo dialético em que:

1. A teoria científica (marxismo-leninismo) é injetada no movimento de massas pelo partido de vanguarda, superando a limitação da consciência espontânea.
2. A prática organizativa do partido – com sua disciplina férrea, centralismo democrático e vida coletiva – forja o caráter do militante, transformando a adesão teórica em hábitos de pensamento e ação. A disciplina não é imposta, mas conscientemente assimilada como condição de eficácia histórica.
3. A experiência contínua da luta de classes, em suas fases de avanço e recuo, de legalidade e clandestinidade, de trabalho paciente e confronto aberto, tempera essa disposição, convertendo-a em resiliência política. A memória das vitórias e, sobretudo, dos sacrifícios, funciona como um imperativo moral coletivo que sustenta a ação em momentos de crise.

**Em última análise, para Lênin e Stalin, a disposição ideológica é o fator subjetivo decisivo. Sem ela, mesmo a análise mais correta (a "concordância intelectual") permanece estéril.**

Com ela, o partido se torna "invencível", capaz de "navegar contra a corrente" (Lênin) e de realizar as tarefas mais difíceis, porque seus membros agem movidos por uma convicção que se tornou segunda natureza – uma natureza forjada no aço da organização e temperada no fogo da luta. É o antídoto subjetivo contra a coerção, a adversidade e a desmoralização, e o combustível para a transformação revolucionária do mundo.

**Defensiva Ideológica:** O conjunto de mecanismos discursivos e práticos para proteger um sistema ideológico de críticas e evidências contraditórias.

**Alienação da Realidade:** O processo pelo qual o indivíduo é separado da compreensão das verdadeiras causas e dinâmicas sociais que determinam sua vida (MARX, 1844).

**Fuga das Contradições da Luta:** A tendência de evitar os conflitos, riscos e desafios inerentes à luta política transformadora.

**Ofensiva Ideológica:** representa a transição estratégica de uma postura defensiva e reativa na luta de ideias para uma postura propositiva, agressiva e hegemônica. Trata-se de superar a mera desconstrução de narrativas dominantes para, ativamente, construir e impor uma nova visão de mundo, um "senso comum" alternativo que sirva de base para um projeto de poder. **Envolve a elaboração de uma narrativa totalizante e emocionalmente ressonante (um projeto-país), a ocupação e criação de espaços de poder cultural e comunicacional, o domínio das linguagens e plataformas modernas, e a articulação de um bloco histórico em torno de valores e objetivos comuns, visando conquistar a adesão ativa das amplas massas e disputar a direção moral e intelectual da sociedade.**

O papel da denúncia política em uma ofensiva ideológica é o de funcionar como o arado que prepara o terreno para a semeadura de uma nova hegemonia. Identifica claramente e desmoraliza o inimigo para elevar a disposição ideológica dos oprimidos. Ela não é um fim em si mesma, mas um momento estratégico crucial que, ao expor e desmoralizar as contradições, crimes e mecanismos de dominação da classe opressora (como a violência estatal, a corrupção sistêmica ou os acordos lesivos ao país), cria uma crise de legitimidade no bloco dominante e um vácuo de sentido na consciência das massas. Esse vácuo, no entanto, não pode ser deixado para ser preenchido pelo inimigo ou pelo ceticismo; a denúncia, portanto, só cumpre seu papel ofensivo pleno quando é imediatamente articulada a uma proposta política clara e a um projeto alternativo de sociedade, convertendo a indignação em adesão consciente e a descrença no sistema vigente em esperança ativa na transformação revolucionária.

**A Pressão Imperialista: Fascismo, Terror e Violência Sistêmica, manipulação da verdade, anulação do pensamento e acirramento dos instintos selvagens.**

A hipótese central é que a violência do imperialismo monopolista e fascista exerce um efeito corrosivo sobre a moral e a disposição para a luta, podendo gerar alienação e fuga, desde a vida social ao elemento consciente do partido e sua disposição ideológica revolucionária.

Contudo, a contraposição a este projeto depende da capacidade do campo socialista e nacional-libertador de travar uma luta ideológica constante, reforçando a disposição ideológica e neutralizando os mecanismos de dominação.



A fase monopolista do imperialismo não é um fenômeno meramente econômico. Ela se completa com uma superestrutura política que, em situações de crise orgânica, assume o fascismo como regime central de dominação.

Nesse regime, como analisou Gramsci (1971), a dominação não se dá apenas pela coerção, mas pela combinação desta com a hegemonia ideológica. O fascismo, no entanto, representa uma quebra da hegemonia "consensual" e a ascensão do "Estado Integral" em sua forma mais reacionária, onde a violência torna-se o método primário de governo.

Conforme alertou Florestan Fernandes (1975), a violência da dominação não é um acidente, mas uma necessidade estrutural do capitalismo dependente e imperialista, que precisa conter a emergência das classes subalternas. Esta violência gera um ambiente de constante intimidação, onde a simples adesão a ideias alternativas pode ser custosa.

O Terror de Estado – manifestado através de aparatos repressivos, censura, perseguição política, tortura e desaparecimentos – não tem como objetivo apenas eliminar adversários físicos. Seu caráter mais profundo é opressor sobre a moral do povo. Ele visa quebrar a vontade coletiva, semear o medo, o desânimo e a desconfiança mútua. Sobre a parcela mais consciente do povo – os intelectuais orgânicos, os militantes, a vanguarda – esta pressão é ainda mais intensa, buscando isolar, desmoralizar e fisicamente aniquilar aqueles que podem liderar a resistência.

A “falsa ofensiva” ou a “subestimação dos impactos ideológicos” no seio do povo, como assistimos na experiência da URSS, que levou o revisionismo ao poder no partido mais vigoroso do século XX, a desarticulação das forças da Nação e o descrédito em sua vanguarda é um descaminho a superar na luta permanente pela construção da verdadeira ofensiva ideológica.

Enquanto a “falsa ofensiva” revisionista avançava na URSS, na China a vanguarda bebia na fonte, por ocasião das solenidades realizadas em comemoração do 60.º aniversário de Stalin, o camarada Mao Tsé-Tung declarou:

### **A Ajuda Teórica e Prática de Stalin**

*"Stalin é o líder da revolução mundial. Trata-se de uma questão de suma importância. É um grande acontecimento o fato de a humanidade possuir Stalin. Uma vez que o temos, as coisas podem marchar bem. Como vocês todos sabem, Marx já morreu e também Engels e Lênin. Se Stalin não existisse, quem haveria para nos orientar? Mas desde que o temos — trata-se efetivamente de um acontecimento feliz. Atualmente existe no mundo uma União Soviética, um Partido Comunista e um Stalin. Sendo assim, as questões mundiais podem marchar bem".*

*"É nosso dever aplaudi-lo, apoiá-lo e aprender com ele. Devemos aprender com ele em dois sentidos: a sua teoria e a sua obra".*

*"No passado, o marxismo-leninismo deu uma direção teórica à revolução mundial. Agora, alguma coisa mais foi acrescentada, isto é, uma ajuda material pode ser dada à revolução mundial. Este é um grande mérito de Stalin."*

*"Stalin é o líder da revolução mundial."*

### **Confirmadas Todas as Previsões de Stalin sobre a China**

Quando o espírito revolucionário do povo chinês pela primeira vez se revelava, Stalin já percebera que a revolução chinesa continha uma força ilimitada. Por ocasião das solenidades comemorativas da Revolução de Outubro, Malenkov teve oportunidade de mencionar uma previsão de Stalin, feita em 1925:

*"As forças do movimento revolucionário na China são ilimitadas. Ainda não se manifestaram devidamente. Mas ainda se manifestarão no futuro. Os governantes do Oriente e do Ocidente que não virem essas forças e não contarem com elas no necessário grau, sofrerão as consequências disso"<sup>(1)</sup>.*

Com relação à China Stalin fez esta importante análise, em novembro de 1926, quando escreveu sobre as perspectivas da revolução chinesa:

*"O papel de iniciador e de dirigente da revolução chinesa, o papel de dirigente do campesinato chinês, caberá inevitavelmente ao proletariado chinês e ao seu partido".*

*Esta análise de Stalin foi feita em relação à fraqueza da burguesia nacional da China. Trata-se de uma análise da maior importância. Porque se o proletariado chinês estava em condições de assumir a liderança da revolução chinesa, então os camponeses chineses e as demais camadas populares poderiam desenvolver em grau máximo a sua força revolucionária sob a direção do proletariado chinês. E uma vez que isto seja realizado pelo povo deste país, que compreende quase um quarto da população do globo, a face do mundo estará necessariamente mudada.*

*No âmbito mundial, é evidente que Stalin se baseou na famosa lei descoberta por Lênin a respeito do desenvolvimento econômico e político desigual dos países capitalistas e do aguçamento excepcional de suas contradições na era do imperialismo.*

*Partindo dessa lei, Stalin predisse que a revolução chinesa tinha a possibilidade, em seguida à Revolução de Outubro na Rússia, de continuar a ruptura da frente imperialista no Oriente. Stalin baseou as suas conclusões também na existência da União Soviética e no seu poder. Como assinalou na sua obra "Sobre as Perspectivas da Revolução Chinesa":*

*"Ao lado da China existe e se desenvolve a União Soviética, cuja experiência revolucionária e ajuda não podem deixar de facilitar as lutas do proletariado chinês contra o imperialismo e contra os restos feudais e medievais na China".*

*Originando-se a sua previsão de uma base científica sólida, Stalin viu o caráter extraordinariamente profundo da luta do povo chinês. Por isso, em todas as etapas da revolução chinesa e por maiores que fossem os obstáculos opostos à sua marcha, estava convencido de que a revolução finalmente avançaria e obteria a vitória.*

*"Na China o imperialismo tem que derrotar o corpo vivo da China nacional, dilacerando-o em pequenos pedaços e desmembrando, pela força, províncias inteiras a fim de manter as suas velhas posições, ou pelo menos uma parte delas.*

*"Daí se conclui que, embora na Turquia a luta contra o imperialismo possa terminar com a inacabada revolução anti-imperialista dos kemalistas, na China ela deve adotar um caráter claramente nacional e popular e deve avançar por etapas até que atinja a condição de uma luta desesperada contra o imperialismo, abalando os próprios alicerces do imperialismo através de todo o mundo"<sup>(2)</sup>.*

*(Stálin e a Revolução Chinesa - Chen Po-Ta - Vice-Presidente do Departamento de Informações do Comitê Central do Partido Comunista Chinês em [https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev\\_prob/23/china.htm](https://www.marxists.org/portugues/tematica/rev_prob/23/china.htm) - Dezembro de 1949)*

## **A Resposta à ofensiva neo fascista: Elevar a Consciência e a Disposição ideológica, Superar a Defensiva, a Alienação e a Fuga (Parte 3)**

Perante a pressão da violência fascista do imperialismo e suas guerras, a consciência humana reage de formas complexas.

A **disposição ideológica** para seguir na luta é o pilar da resistência. É a internalização dos ideais de libertação a ponto de eles se tornarem um imperativo moral e prático. Esta disposição, porém, não é inata ou estática. Ela é construída, alimentada e renovada através da prática social, da educação política e da experiência coletiva da luta.

A **defensiva ideológica** surge como um escudo necessário. Em um ambiente de bombardeio constante pela ideologia dominante – que naturaliza a opressão e criminaliza a resistência – é vital desenvolver anticorpos ideológicos. Isso implica uma crítica permanente aos meios de comunicação, às narrativas oficiais e ao senso comum, desvelando os interesses de classe por trás deles. Sem essa defensiva, a disposição para a luta se enfraquece.

Contudo, a pressão pode ser tão avassaladora que leva a dois fenômenos patológicos:

- a) A **Alienação da Realidade**: O indivíduo, para escapar do sofrimento psíquico e do risco iminente, pode internalizar a visão de mundo do opressor ou adotar uma postura de cinismo e descrença absoluta. Ele passa a ver a luta como fútil, a opressão como natural e a realidade contraditória como algo impossível de ser compreendido ou transformado. É uma forma de "paz dos vencidos", uma capitulação da consciência e uma identificação com o opressor.
- b) A **Fuga das Contradições da Luta**: A luta de classes é, por essência, contraditória, incerta e carregada de sacrifícios. A pressão do Terror de Estado pode fazer com que indivíduos e mesmo setores de organizações prefiram fugir a estas contradições. Esta fuga pode se dar pelo retiro à vida privada, pelo ativismo superficial que evita o conflito real, ou pela adoção de discursos radicais desconectados da prática, o que Lukács (1923) chamaria de "voluntarismo" ou "oportunismo", ambas formas de não enfrentar a realidade concreta da luta.

### **A Luta ideológica e política constante como Antídoto: O Papel do Socialismo e da Libertação Nacional**

É precisamente neste contexto que a tese central se afirma: o socialismo e a ideologia de libertação nacional dependem de luta constante para manter a disposição ideológica de seguir na luta.

A "luta constante" não se refere apenas ao confronto, armado ou não, ou às greves. Refere-se, sobretudo, à luta ideológica e cultural. É através da organização popular, da formação política, da criação artística engajada, da celebração das memórias de resistência e da construção de espaços de solidariedade que se fortalece a disposição ideológica.

Como ensinou Paulo Freire (1968), a pedagogia do oprimido é um ato de desalienação. Ao problematizar a realidade opressora, o educador político ajuda o povo a superar a visão fatalista do mundo, reconquistando sua capacidade de agir sobre a história. Esta práxis – ação e reflexão – é o antídoto contra a alienação e a fuga.

A luta constante gera uma "cicatrização" coletiva. Cada pequena vitória, cada ato de resistência bem-sucedido, cada novo militante formado, reforça a convicção de que a mudança é possível. A disposição ideológica, assim, deixa de ser uma abstração e torna-se uma força material, encarnada nas organizações populares e em sua capacidade de, mesmo sob fogo cerrado, continuar a se reproduzir e a avançar.

A análise demonstra que a relação entre a pressão imperialista-fascista e as variáveis ideológicas é dialética. A violência e o terror buscam produzir alienação e fuga, minando a base moral da resistência e afrouxando a disposição ideológica. No entanto, este mesmo ataque pode, paradoxalmente, fortalecer a disposição ideológica daqueles setores que, através de uma defensiva ideológica consciente e de uma luta constante, conseguem transformar a razão da dor em organização.

O projeto socialista e de libertação nacional, portanto, não pode ser um mero programa econômico. Deve ser, antes de tudo, um projeto ético e cultural de reumanização, que combata incessantemente a alienação e a fuga, forjando na prática concreta da luta uma vontade coletiva inquebrantável.

A vitória final não será apenas daqueles que tiverem mais recursos, mas daqueles que, nas palavras de Che Guevara, conseguirem endurecer, sem perder a ternura, a sua disposição ideológica de seguir lutando até a vitória final.

## **A Alienação da Realidade e Sua Superação na Luta Contra o Imperialismo**

### **A profundidade do conceito de alienação em Marx**

A definição inicial - "o processo pelo qual o indivíduo é separado da compreensão das verdadeiras causas e dinâmicas sociais que determinam sua vida" (MARX, 1844) - merece uma expansão para compreendermos sua totalidade. Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, Marx desenvolve a teoria da alienação em quatro dimensões inter-relacionadas:

1. **Alienação do produto do trabalho:** O trabalhador produz uma realidade material (a mercadoria) que se lhe opõe como um poder estranho e hostil. "O objeto que o trabalho produz, o seu produto, opõe-se a ele como *um ser estranho*, como um *poder independente* do produtor" (MARX, 1844).
2. **Alienação do ato de produção:** O trabalho, que deveria ser a expressão vital do ser humano, torna-se uma atividade estranha, penosa e simplesmente instrumental para a sobrevivência. "O trabalho é *externo* ao trabalhador, isto é, não pertence ao seu ser... o trabalhador só se sente livremente ativo nas suas funções animais" (MARX, 1844).

3. **Alienação do ser genérico:** O homem é afastado de sua essência social e criativa, da sua "vida genérica". A vida produtiva, que deveria ser a vida da espécie, torna-se um mero meio para a existência individual.
4. **Alienação do homem pelo homem:** A relação social fundamental torna-se a relação entre possuidores de mercadoria, mediada pelo mercado, e não uma relação humana direta.

No contexto do imperialismo monopolista, essa alienação é intensificada e assume novas formas. A complexidade da cadeia produtiva global, a financeirização da economia e o poder ideológico da mídia de massas criam um emaranhado de mediações que oculta a origem exploradora da riqueza e a natureza de classe do Estado.

A violência fascista, por sua vez, atua como um reforço coercitivo desta alienação, punindo severamente qualquer tentativa de desvelar a realidade subjacente. Como explica István Mészáros (2002), a alienação torna-se uma "determinação ontológica" do capital, um fenômeno estrutural e não meramente subjetivo.

## **A Superação da Alienação: Da Consciência à Práxis Revolucionária**

A superação da alienação não é um ato puramente intelectual ou de "conscientização" abstrata. É um processo prático-histórico que exige a transformação das próprias condições que a produzem. Seguindo o fio condutor do materialismo histórico, a superação passa por etapas dialeticamente articuladas:

### **1. Conscientização como Ato de Desvelamento (Práxis Reflexiva):**

O primeiro passo é romper a aparência imediata das coisas. Isto é alcançado através de uma educação política que seja, nas palavras de Paulo Freire, um "esforço crítico através do qual os homens vão tomando consciência da realidade" (FREIRE, 1987). Não se trata de depositar conhecimento, mas de problematizar o mundo opressor para que ele se revele em suas contradições. É o que Gramsci (1971) chamava de batalha para superar a "filosofia espontânea" imposta pela hegemonia burguesa, desenvolvendo uma "concepção crítica do mundo". A denúncia do imperialismo e do fascismo, desnaturalizando sua violência e expondo sua lógica econômica, é parte fundamental deste processo.

### **2. Organização como Antídoto à Fragmentação (Práxis Associativa):**

O indivíduo alienado é um indivíduo isolado e fragmentado. A superação exige a recomposição do laço social sob uma nova base. A organização em partidos, movimentos sociais, sindicatos e coletivos é o espaço concreto onde o "ser genérico" começa a se reafirmar. Na luta coletiva, o trabalhador deixa de ser uma peça isolada da engrenagem e se reconhece como parte de uma classe com interesses e um potencial histórico comuns. Como afirma Florestan Fernandes (1979), a organização é a "condição *sine qua non* para que as classes subalternas possam deixar de ser 'classe em si' (objeto da história) para se tornar 'classe para si' (sujeito da história)". A organização transforma o descontentamento individual em força social consciente.

### **3. Luta Concreta como Atividade Humanizadora (Práxis Transformadora):**

É na ação revolucionária concreta que a alienação é combatida de forma mais decisiva. A práxis – a unidade indissolúvel entre teoria e prática – é o coração da superação. Ao engajar-se na luta por reformas, na resistência cultural, na ocupação de terras, na greve ou na defesa do território, o indivíduo deixa de ser um objeto passivo da história e torna-se seu agente ativo. O trabalho, que no capitalismo é atividade alienada, transforma-se em atividade revolucionária consciente e livre. O

militante, ao planejar, agir e refletir sobre sua ação, vivencia um tipo de trabalho não-alienado, onde o produto de seu esforço (a vitória política, a organização fortalecida) lhe pertence coletivamente. Che Guevara (1965) referia-se a isso como a construção do "homem novo", um indivíduo motivado por valores sociais e não pela lógica do lucro.

#### **4. Projeto Revolucionário como Horizonte de Totalidade (Práxis Projetiva):**

Finalmente, a superação completa da alienação só pode ocorrer com a superação do seu fundamento material: a propriedade privada dos meios de produção e as relações sociais capitalistas. O socialismo, como etapa de transição, e o comunismo, como horizonte, representam a "reapropriação das forças humanas essenciais pelo homem e para o homem" (MARX, 1844). **É a construção de uma sociedade onde o "livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos" (MARX & ENGELS, 1848).** Este projeto, longe de ser uma utopia abstrata, serve como uma totalidade concreta a ser construída, dando sentido unificador a todas as lutas parciais e impedindo que a militância recaia em um ativismo fragmentado e, ele próprio, potencialmente alienante.

Portanto, superar a alienação da realidade imposta pelo imperialismo monopolista e seu facismo não é uma questão de simplesmente "enxergar a verdade". É um processo coletivo, difícil e contínuo de práxis revolucionária, que combina a crítica teórica implacável com a organização disciplinada e a ação transformadora. É na forja da luta que o povo quebra as correntes da alienação, reconquista a compreensão do mundo e forja a disposição ideológica necessária para levar adiante o projeto de libertação nacional e social.

## **Da Defensiva à Ofensiva: A Luta Ideológica contra a Desinformação das Big Techs e o Complexo Bélico-Monopolista**

Os métodos de controle ideológico e desinformação empregados pelas Big Techs e pelos órgãos de inteligência do complexo bélico-monopolista na economia financeirizada, a constatação de um cerco midiático-informacional sem precedentes, as limitações de uma postura meramente defensiva na luta ideológica necessitam de uma transição estratégica para uma ofensiva ideológica e política. Esta transição é uma condição indispensável para a construção de contra-hegemonia para a viabilização do projeto de libertação nacional e socialista no século XXI.

### **O Cerco Midiático e informacional da Financeirização e do seu Fascismo**

O capitalismo, em sua fase atual de financeirização e monopolização extrema, consolidou um aparato de controle ideológico de sofisticação e alcance inéditos.

Este aparato é composto por duas frentes principais, intimamente articuladas: de um lado, as Big Techs (Google, Meta, Apple, Amazon, Microsoft), que, sob a fachada da neutralidade tecnológica, concentram o poder infraestrutural sobre os fluxos de informação, dados e comunicação (SADER, 2023); de outro, o complexo bélico-monopolista, herdeiro direto do "complexo industrial-militar" denunciado por Eisenhower (1961), cujos órgãos de inteligência e think tanks atuam como cérebros estratégicos da dominação imperialista.

A simbiose entre estes setores é evidente. As Big Techs fornecem a plataforma e os dados massivos para a vigilância e a modelagem comportamental, enquanto o complexo bélico-financeiro fornece a agenda geopolítica, a doutrina de "guerra híbrida" e os contratos bilionários que orientam a censura seletiva e as campanhas de desinformação (PETRAS,

2019). O objetivo é duplo: gerar lucros astronômicos através da mercantilização da vida e da "atenção" nas redes sociais e, simultaneamente, assegurar a hegemonia ideológica do capital, neutralizando qualquer projeto de emancipação.

## **Os Métodos de Controle Ideológico e Desinformação Sistêmica**

O controle opera através de métodos interligados:

**1. A Fabricação do Consenso Algoritmizando (CHOMSKY, 1988):** Os algoritmos das redes sociais não são neutros. Eles criam "bolhas" e "câmaras de eco" que reforçam visões de mundo pré-estabelecidas e isolam os usuários de perspectivas dissidentes. Esta segmentação permite uma desinformação cirúrgica, onde narrativas específicas são direcionadas a grupos específicos para semear a discórdia, o ceticismo político e a paralisia.

**2. A Vigilância Predatória e o Capitalismo de Vigilância (ZUBOFF, 2019):** A lógica do "capitalismo de vigilância" consiste na apropriação da experiência humana como matéria-prima para a produção de produtos preditivos de comportamento. Este conhecimento hiper-detalhado da subjetividade das massas permite não apenas a venda de anúncios, mas a modelação ativa de opiniões, desejos e, em última instância, da vontade política, minando a autonomia do indivíduo.

**3. A Censura Seletiva e o Autoritarismo Algoritmizando:** Sob o pretexto de combater a "desinformação" ou o "discurso de ódio", as plataformas implementam políticas de moderação de conteúdo que, na prática, silenciam vozes críticas ao imperialismo, aos monopólios e à guerra. Esta censura, justificada por uma retórica de defesa da democracia, é na realidade um método autoritário de defesa da ordem vigente (FOSTER, 2021).

**4. A Guerra Psicológica Permanente:** Os órgãos de inteligência, como a CIA e a NSA, há muito dominam as técnicas de "guerra psicológica". Na era digital, estas técnicas são potencializadas, utilizando as plataformas das Big Techs para operações de falsa bandeira, difamação de líderes progressistas e promoção de golpes de Estado "suaves" ou "duros".

## **As Limitações da defensiva Ideológica**

Frente a este assalto, os movimentos populares e a esquerda frequentemente adotam uma postura de defensiva ideológica. Esta postura, embora necessária, é insuficiente. **Ela se caracteriza por:**

- **Desmascarar Mentiras:** Focar-se em desmontar, uma a uma, as falsas narrativas veiculadas.
- **Denunciar a Censura:** Alertar para os casos de silenciamento e perseguição.
- **Refutar Ideias da Classe Dominante:** Empreender uma crítica teórica aos postulados do neoliberalismo e do imperialismo.

Esta defensiva é crucial, pois constitui a "retaguarda" da luta de ideias, protegendo o campo popular dos ataques mais grosseiros.

No entanto, uma estratégia que se limite a reagir coloca o movimento na posição de sempre "correr atrás do prejuízo", definida pela agenda do inimigo. Como alertou Gramsci (1971), uma classe que não aspira à hegemonia, contentando-se em resistir, está fadada à derrota.

**A defensiva, sozinha, não constrói um novo senso comum, não conquista corações e mentes; no máximo, preserva os já convencidos.**

## **A Ofensiva Ideológica e Política como Condição de Sobrevivência e Vitória (Parte 4)**

**Passar da defensiva para a ofensiva exige uma reavaliação. A ofensiva ideológica não é simplesmente "fazer mais propaganda". É uma batalha pela hegemonia, ou seja, pela construção de uma nova visão de mundo que se torne "sentido comum" para as amplas massas.**

**Isto implica:**

**1. Construir uma Narrativa Totalizante e Alternativa (Projeto de Nação):** A esquerda não pode se limitar a criticar o presente; deve apresentar uma visão convincente e concreta de futuro. É necessário elaborar e popularizar um projeto de nação soberano, democrático e popular, que contrapõe-se ponto a ponto ao projeto neoliberal de submissão e espoliação. Esta narrativa deve ser simples, emocionalmente ressonante e articulada em todos os níveis, do programa de governo ao slogan de rua (MOUFFE, 2018).

**2. Ocupar e Criar Espaços de Poder Concreto (Contra-Hegemonia Prática):** A batalha ideológica se vence também com conquistas materiais. É preciso ocupar espaços institucionais (parlamentos, governos), mas, sobretudo, criar poder popular a partir da base: mídias comunitárias, cooperativas, rádios livres, plataformas digitais alternativas e soberanas, escolas de formação política. Estes espaços são trincheiras onde a nova hegemonia é experimentada e vivida na prática.

**3. Dominar as Linguagens e Plataformas do Século XXI (Guerra de Posição Digital):** É imperativo desenvolver uma estratégia agressiva de comunicação que domine as linguagens audiovisuais, as redes sociais e os algoritmos, as técnicas de automação digital e uso da inteligência artificial em todo seu espectro. Isso vai desde a produção de memes e conteúdos virais até o investimento em tecnologias próprias e seguras. Como afirmou o líder bolivariano Hugo Chávez, "é preciso fazer da comunicação um campo de batalha". Trata-se de uma guerra de posição no território digital, conquistando espaço palmo a palmo.

**4. Articular as Lutas e os Símbolos (A Frente Cultural):** A ofensiva deve ser cultural. É preciso conectar as lutas econômicas (por emprego, salário) à luta política, pelo poder político, a luta pelo desenvolvimento ambiental e cuidados com a natureza, e por soberania, tecendo uma teia de solidariedade em torno de um inimigo comum: o capital financeiro e o



imperialismo. A resignificação de símbolos nacionais e a criação de novos heróis e mitos políticos são armas poderosas nesta batalha.

**5. Formar Quadros para a Batalha das Ideias (O Intelectual Orgânico Ofensivo):** A ofensiva exige uma nova geração de "intelectuais orgânicos" (GRAMSCI, 1971) que não sejam apenas estudiosos, mas comunicadores populares, capazes de traduzir a complexa teoria crítica em uma linguagem acessível e mobilizadora. Estes quadros devem estar na vanguarda da criação de conteúdo, do debate público e da formação política de base.

A era da desinformação das Big Techs e da guerra psicológica do complexo bélico-monopolista não admite mais uma postura reativa. A defensiva ideológica é a base de proteção, mas a ofensiva ideológica e política é o caminho para a vitória.

Trata-se de uma transição de uma guerra de movimento (reagir a ataques) para uma guerra de posição (conquistar espaços permanentes de poder cultural e político) e, finalmente, para uma guerra de manobra (o assalto final ao poder estatal).

Esta ofensiva não é um mero instrumento tático, mas uma necessidade estratégica para desmontar a hegemonia do capital e construir, a partir das brechas do sistema, um novo bloco histórico capaz de liderar as massas em direção a um projeto socialista e de libertação nacional.

## **LINHA DE DENÚNCIA PARA RETOMAR A OFENSIVA CONTRA O FASCISMO**

Na realidade contemporânea, uma linha eficaz de denúncia e contra-ofensiva deve articular:

### **1. DENÚNCIA DA NATUREZA DE CLASSE**

- Expor quem realmente manda: "O fascismo não é um 'movimento popular' — é a ditadura terrorista dos grandes monopólios, do capital financeiro mais especulativo e belicista. Seu projeto é destruir direitos para ampliar lucros e levar as Nações a guerra"
- Desmascarar a demagogia: "Usam o discurso 'anti sistema' e 'nacionalismo de grande potência' para enganar trabalhadores e pequenos comerciantes, mas no poder, servem ao grande capital transnacional que despreza a soberania nacional."

### **2. DENÚNCIA DA “OFENSIVA IDEOLÓGICA” DO FASCISMO**

- Contra o culto ao líder: "A figura do 'salvador' autoritário esconde o projeto de destruir instituições democráticas que protegem o povo."
- Contra o nacionalismo reacionário: "Usam o patriotismo belicista como arma para dividir a classe trabalhadora, criando inimigos internos (minorias, imigrantes, ativistas) e inimigos externos."
- Contra o anticomunismo: "O combate ao comunismo é, na verdade, o combate a qualquer organização popular que defenda direitos sociais e trabalhistas."
- Contra o negacionismo: "Distorcem fatos históricos e atuais para debilitar a capacidade crítica da sociedade e justificar a violência."

### **3. DENÚNCIA DO TERROR INSTITUCIONAL**

- A banalização da Violência de Estado: "Militarização da polícia, perseguição a movimentos sociais, criminalização da pobreza e dos protestos nada resolvem."

- Judicialização política: "Uso do sistema de leis e da Justiça para perseguir adversários políticos enquanto protegem a corrupção dos aliados."
- Paramilitares e milícias: "Terrorismo de extrema-direita tolerado ou incentivado pelo Estado para aterrorizar comunidades e ativistas."

#### **4. PROPOSTAS PARA A CONTRA-OFENSIVA (RETOMADA DA OFENSIVA DEMOCRÁTICA)**

##### **A. UNIDADE DE AÇÃO (FRENTE ÚNICA)**

- "Unir todas as forças democráticas, progressistas e anti fascistas, sem sectarismos, combate ao divisionismo. Trabalhadores de diferentes partidos, sindicatos, movimentos sociais, intelectuais, artistas e setores democráticos da burguesia nacional ameaçados pelo fascismo."
- "Foco em pontos mínimos de unidade: defesa da democracia, dos direitos sociais, da soberania nacional e contra a violência política."

##### **B. DEFESA RADICAL DA DEMOCRACIA**

- **"Não ceder ao discurso 'a democracia não funciona'.** Defender mais democracia, não menos: ampliar participação popular, fortalecer conselhos, orçamento participativo, democratizar a mídia."
- "Proteger e expandir espaços públicos de deliberação contra o autoritarismo tecnocrático e militarizado."

##### **C. LUTA PELAS CONDIÇÕES MATERIAIS**

- "Vincular a luta política à luta econômica concreta: campanhas por emprego, salário digno, contra a precarização, pela reforma agrária e urbana."
- "Mostrar que o fascismo piora a vida material do povo, mesmo daqueles que inicialmente o apoiam."

##### **D. FORMAÇÃO POLÍTICA MASSIVA**

- "Criar escolas populares de formação política para desmontar a ideologia fascista peça por peça."
- "Produzir conteúdo acessível (vídeos, podcasts, panfletos) que explique em linguagem simples quem financia e quem se beneficia do fascismo."
- "Recuperar a história da resistência antifascista nacional e internacional."

##### **E. MOBILIZAÇÃO DE RUA E GREVES**

- "Retomar as ruas como espaço político com protestos massivos, criativos e diversificados."
- "Preparar greves gerais como resposta a ataques fascistas contra direitos trabalhistas e democráticos."
- "Construir comitês de base nos locais de trabalho, bairros e escolas para organização permanente."

##### **F. ALIANÇAS INTERNACIONAIS**

- "Articular a luta antifascista globalmente, pois o fascismo moderno é uma rede transnacional."
- "Denunciar organismos internacionais e acordos comerciais que fortalecem o capital monopolista por trás do fascismo."

##### **G. PROJETO ALTERNATIVO CLARO**

- "Não basta ser 'contra'. É preciso apresentar um projeto de sociedade viável e atraente: soberania popular, economia mista com setores estratégicos nacionalizados, democratização radical do Estado, justiça social e ambiental."

- "Mostrar que outro mundo é possível — sem exploração, opressão ou destruição ambiental."
- O socialismo como alternativa mais eficiente e capaz de atender as demandas de todos e superar os conflitos de classe denunciando a farsa das tentativas fracassadas dos regimes fascistas de superação dos antagonismos de classe.

### **SÍNTESE DA LINHA DE AÇÃO:**

"Organizar, Formar e Mobilizar!"

1. Desmascarar a natureza de classe do fascismo
2. Unir todas as forças atingidas por ele
3. Defender radicalmente a democracia e direitos
4. Apresentar um projeto alternativo de sociedade
5. Mobilizar massivamente nas ruas e locais de trabalho"

Esta linha retoma a ofensiva ao negar a passividade, superar a fragmentação e construir uma hegemonia alternativa ao projeto fascista, fortalece a disposição ideológica combinando luta imediata com projeto estratégico.

**NESTA LUTA É NECESSIDADE HISTÓRICA E IMPRESCINDÍVEL O FORTALECIMENTO DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL**

**O futuro da luta de classes, no século XXI, será decidido nesta batalha pela consciência humana.**

***Miguel Manso** é pesquisador do Grupo de Pesquisa sobre **Desenvolvimento Nacional e Socialismo** da Fundação Maurício Grabois. Engenheiro eletrônico formado pela USP, com especialização em Telecomunicações pela Unicamp e em Inteligência Artificial pela UFV, é diretor de Políticas Públicas da EngD – Engenharia pela Democracia.*

**Palavras-chave:** Ideologia; Imperialismo; Fascismo; Terror de Estado; Luta de Classes; Socialismo; Libertação Nacional. Big Tech; Desinformação; Complexo Industrial-Militar; Luta Ideológica; Ofensiva Política; Hegemonia.

### **Referências Bibliográficas:**

MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004. (Ed. original: 1844).

LÊNIN, V. I. *O Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1991. (Ed. original: 1917).

LENIN, *Que fazer?* 1902

Stalin, *FUNDAMENTOS DO LENINISMO* 1924

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. *O Manifesto Comunista*. Petrópolis: Vozes, 1993. (Ed. original: 1848).

DIMITROV - discurso no VII Congresso da Internacional Comunista (Comintern) em 1935

GUEVARA, Che. *O Socialismo e o Homem em Cuba*. 1965.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (Ed. original: 1948-1951).

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Lisboa: Presença, 1971.

FERNANDES, Florestan. *A Revolução Burguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

LUKÁCS, Georg. *História e Consciência de Classe*. Porto: Escorpião, 1974. (Ed. original: 1923).

POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e Ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

FERNANDES, Florestan. *A Construção da Sociedade Democrática*. São Paulo: TA Queiroz, 1989.

MÉSZÁROS, István. *Para Além do Capital*. São Paulo: Boitemo, 2002.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. Pantheon Books, 1988.

EISENHOWER, Dwight D. *Farewell Address to the Nation*. 1961.

FOSTER, John Bellamy. *The Age of Monopoly-Finance Capital and the Culture of Deprivation*. Monthly Review, 2021.

MOUFFE, Chantal. *Por um Populismo de Esquerda*. São Paulo: Autonomia Literária, 2018.

PETRAS, James. *The Power of Israel in the United States*. Clarity Press, 2019.

SADER, Emir. *A Nova Razão do Mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2023.

ZUBOFF, Shoshana. *The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power*. PublicAffairs, 2019.